

## NOTAS DE VIAGEM

### AS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO DO OESTE DA BAHIA

*Eliseu Savério Sposito<sup>1</sup>*

#### *Introdução*

O presente texto, motivado por um trabalho de campo realizado em agosto de 1996, é resultado do cotejo das informações compiladas em Barreiras, estado da Bahia, e das reflexões que, a partir daí, pudemos realizar. Antes de expor as principais conclusões a que chegamos, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre os trabalhos de campo.

Em primeiro lugar, a necessidade desse tipo de atividade em Geografia continuam - como desde as primeiras tentativas dos "exploradores" pioneiros - úteis e muito necessários para se compreender as determinações geográficas que permitem a compreensão de temas como a divisão territorial do trabalho, a natureza das relações de produção no campo e na cidade, as diferentes formas de organização da cidade, a circulação de mercadorias e de pessoas, as diferenciações nas formas de relevo e suas causas, etc.

Associadas as observações à categoria tempo, o raciocínio poderá ser realizado sobre as informações obtidas, para se conseguir a maior aproximação possível com as possibilidades de compreensão e explicação da realidade apresentada, considerando-se o método adotado. Nesse ponto, é necessário que fique claro nosso entendimento do **método**: "conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado"<sup>2</sup>. A realização racional do método baseia-se também em dois "caminhos" do raciocínio: o indutivo ("aquele segundo o qual se estabelece uma lei geral a partir da observação e repetição de regularidades em casos particulares"<sup>3</sup>) e o dedutivo (quando se constrói uma teoria a partir de resultados que podem ser deduzidos que, em confrontos e experimentações posteriores, poderão ser revistas ou mesmo apontar para previsões).

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Geografia da FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente.

<sup>2</sup> A presente definição é aquela apresentada por JAPIASSU, H., MARCONDES, N. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, p. 166.

<sup>3</sup> JAPIASSU, H., op. cit., p. 167.

Não se pode confundir o método com as diferentes metodologias utilizadas para a realização de trabalhos científicos. A metodologia, que pode ser definida como o conjunto de procedimentos, técnicas e raciocínios utilizados para a abordagem de um tema específico de estudo (que pode ser territorializado, quando se fala de Geografia, em alguma extensão considerada), desde as primeiras atividades voltadas para os primeiros contatos com o tema até o momento em que a análise se realiza e se concretiza em cartogramas, tabelas, e outras formas de aglutinação de dados que servem de base para relatórios, notas, artigos, etc. Enfim, a metodologia, que pode ser decomposta nas diferentes atividades práticas e intelectuais do procedimento científico, diferencia-se do método, cuja apreensão pelo sujeito torna-se concreta a partir do momento que ele sustenta, nos processos do pensamento, todo o desenvolvimento de reflexão e produção do conhecimento científico.

Como num trabalho de campo em Geografia a participação das atividades empíricas é muito considerável, vamos tratar dele com mais detalhe.

Esse tipo de atividade aponta para a busca de informações que se originam de procedimentos e fontes diferentes:

1. a observação, associada a fotografias, filmagens, croquis, por exemplo, é procedimento baseado fundamentalmente na experiência e na prática do pesquisador, e assim deve ser considerada: não como a verdade definitiva sobre o tema ou a área estudada, mas como resultado da intermediação sensória entre o observador e o observado, com os devidos cuidados para a não sublimação de qualquer um dos dois. É necessário, enfim, levar-se em consideração o momento da observação, o tempo cronológico com ela despendido, a capacidade do pesquisador ou da equipe em anotar suas observações, e a qualidade dos instrumentos utilizados.

2. a fonte escrita é um outro dado muito importante para a realização do trabalho de campo: livros, artigos em jornais ou em revistas científicas de âmbito local ou mais amplo<sup>1</sup>, poderão fornecer as informações que contenham a visão ou a interpretação de pessoas diferentes sobre o mesmo tema. Por outro lado, o acesso a documentos (certidões, descrições, cartas, mapas, etc.), poderá fornecer a informação desejada com uma característica: a sua situação adequada em relação ao tempo.

3. um outro elemento importante para o trabalho de campo é o confronto direto entre o pesquisador e outras pessoas do lugar que possam fornecer algum tipo de informação pode ser objetivado através da prática de entrevistas (que poderão inclusive ser gravadas, dependendo da concordância do entrevistado) e de questionários. A diferença fundamental entre ambos é a seguinte: a entrevista, que deverá seguir sempre um roteiro pre-estabelecido que condense as principais questões a ser abordadas, permite revisões rápidas nesse roteiro, "insights" no diálogo, a adoção de novas perguntas, a realização de comentários mais livres por parte de um ou de ambos os indivíduos envolvidos no processo. O questionário

<sup>1</sup>Este último tipo de fonte escrita poderá ser consultado previamente, pelo pesquisador ou sua equipe, antes de se iniciar o trabalho de campo.

limita mais a possibilidade da obtenção de informações muito abrangentes pois realiza-se através de perguntas cujas alternativas de resposta já estão impressas e que "fecham" e direcionam para certos tipos de informações. Se o questionário é um instrumento que facilita a tabulação<sup>5</sup> dado sua natureza quantitativa, a entrevista permite uma melhor qualificação dos dados desejados, mas ao mesmo tempo, exige um cuidado maior do pesquisador na hora da seleção desses dados.

Em segundo lugar, para se realizar um trabalho de campo não se parte de uma idéia casual. Devemos, inicialmente, partir de um *tema* que gera alguma questão a ser estudada, ou de um *lugar* determinado, cujas particularidades deverão ser estudadas em suas diferentes manifestações. Para tanto, deve-se elaborar um projeto, que contenha: suas justificativas (por que se vai para tal área de estudos, por que se escolheu tal ou tal tema, etc.); um desenvolvimento prévio de algumas idéias já existentes sobre o tema ou sobre a área escolhida (a partir de relatos ou de textos anteriores); os objetivos que se pretende alcançar com o trabalho (se de observação simplesmente, se para a descrição da área, se para o aprofundamento de algum aspecto da realidade, se para o cotejo de elementos teóricos previamente estudados com elementos buscados na área em estudo, etc.); o cronograma devidamente estabelecido com contatos para visitas a entidades públicas ou particulares, pessoas que serão entrevistadas, etc.; e finalmente, o traçado do roteiro, que incluirá todo o caminho a ser percorrido com suas paradas para restauração e repouso.

O último item considerado - o roteiro - completa-se, para que o projeto de viagem se realize sem imprevistos, certos cuidados materiais: o planejamento detalhado das informações pré-existent sobre o lugar, como condições de estrada, locais para pousadas, possibilidades de manutenção de veículos<sup>6</sup>, etc. e, por último mas não menos importante, a noção dos recursos necessários e dos recursos existentes (dinheiro em caixa, gastos individuais com alimentação e pernoites, gastos com combustível, etc.).

Finalmente, há um aspecto que não se relaciona diretamente à produção de conhecimentos, mas do qual não se pode prescindir: é o estado de ânimo ("espírito") necessário para o trabalho de campo. Essa "preparação psicológica" é importante porque as pessoas que vão realizar uma viagem vão conviver durante vários dias num veículo, em hotéis encontrados, muitas vezes, alcatariamente, vão encontrar locais para refeições não muito confiáveis, etc. Por outro lado, o contato com pessoas desconhecidas poderá não ser muito agradável (as negativas para se fornecer informações é o maior problema num trabalho de campo); o local visitado

<sup>5</sup>Por tabulação entendemos o processo de organização dos dados dos questionários obtidos em forma de quadros, tabelas e anotações de fatos que se destacam.

<sup>6</sup>Todos esses elementos são fundamentais para o traçado daquilo que, geralmente, é simplificado na expressão *roteiro de viagem*. Enfatizando: é importante lembrar que o roteiro de viagem não se limita ao traçado no mapa do caminho a ser percorrido durante a viagem, mas engloba todos os aspectos referentes ao apoio material para a realização da viagem da melhor maneira possível.

poderá não oferecer condições de acesso, de salubridade, etc.; o tempo poderá não favorecer; enfim, há inúmeros fatores que podem comparecer no momento da realização dos trabalhos.

Uma vez enumeradas as características de uma viagem de pesquisa geográfica, passemos aos resultados, relatados de uma maneira resumida e bem objetiva, do trabalho realizado na área de Barreiras, situada no oeste do Estado da Bahia.

#### A expedição científica

A expedição científica, da qual participaram outros geógrafos<sup>7</sup>, iniciou-se em Presidente Prudente, em 28 de agosto de 1996, passando por Brasília, onde foi visitado o IBAMA e o Serviço de Cartografia do Exército (para coleta de material cartográfico) e o CNPq (para contatos e acertos de detalhes sobre a viagem). Em seguida, o percurso foi feito pela BR 020, em direção a Barreiras, onde chegamos no dia 30 de agosto. Permanecemos por três dias nessa cidade, onde colhemos todo o material necessário para o presente texto (publicações diversas e entrevistas). A seguir, a passagem por Salvador (após uma etapa de dois dias em Lençóis, onde foram coletadas informações sobre a vegetação local) propiciou aos colegas que trabalharam com a vegetação colher informações de temperaturas e de chuvas em várias cidades da Bahia no Instituto Nacional de Meteorologia e na SUDENE. No caminho de volta, os colegas espanhóis quiseram conhecer Santa Cruz Cabrália, próxima a Porto Seguro, "berço" do Brasil, onde aportou Pedro Alvares Cabral, e posteriormente Ouro Preto, histórica cidade que foi fundamental durante o ciclo do ouro e que atualmente é patrimônio tombado pela UNESCO. O percurso da viagem está exposto na figura 1.

O resultado da expedição pode ser verificado no presente texto, que teve como preocupações os aspectos históricos da ocupação do oeste da Bahia, e num outro texto, elaborado por Messias Modesto dos Passos e Miguel Angel Luengo Ugidos, intitulado *Biogeografia da caatinga*<sup>8</sup>. Neste trabalho, os autores concluem que "existe bastante correlação entre o tipo de bioclima que se deduz das variáveis climáticas, e a formação vegetal climática (potencial) à qual se relaciona. É evidente, não obstante, que onde existe um limite (transição) entre duas formações vegetais" (a caatinga e o cerrado), "o diagnóstico da classificação bioclimática não

<sup>7</sup> A equipe que realizou o trabalho de campo foi constituída pelos professores Eliseu Savério Sposito e Messias Modesto dos Passos, ambos da FCT/UNESP de Presidente Prudente, e Miguel Angel Luengo Ugidos, do Departamento de Geografia da Universidade de Salamanca; e por Montserrat Solà i Bau, bacharel em Geografia pela Universidade de Barcelona. O veículo, durante todo o período da expedição, esteve sempre bem dirigido por Adelmo Pirão.

<sup>8</sup> PASSOS, M. M. dos, UGIDOS, M. A. I. *Biogeografia da caatinga* (cópia xerografada, inédito).

FIG. 1

#### TRAJETO DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA 1996



ORG.: E. S. SPOSITO  
DES.: FLORA H. SATO

se ajusta totalmente. Este é o caso da estação de Barreiras-BA, à qual estão inseridos os dois primeiros levantamentos fitossociológicos" (p. 17).

Como não é nosso objetivo a discussão dos aspectos considerados no parágrafo anterior, mais ligados à Biogeografia, deixamos ao leitor a sugestão de ler o texto se sua intenção for ater-se a essa área de estudos, e passamos aos resultados de nossas observações.

*Origens de Barreiras (abordagem histórica do lugar)*

A área estudada situa-se às margens do Rio Grande, cuja bacia é formada principalmente pelos rios de Ondas, Branco e Preto, afluentes da margem esquerda do chamado médio São Francisco, limitando-se ao norte com o estado do Piauí e a oeste com o Tocantins. *Grosso modo*, a "região" pode assim ser enquadrada: entre 10 e 14 graus de latitude norte e entre 43 e 46 graus de longitude oeste. Tendo como cidade principal Barreiras, atualmente com 110.000 habitantes, a área ainda tem como centros importantes: S. Desidério, Mimoso, Formosa do Rio Preto, Cotegipe e Correntina.

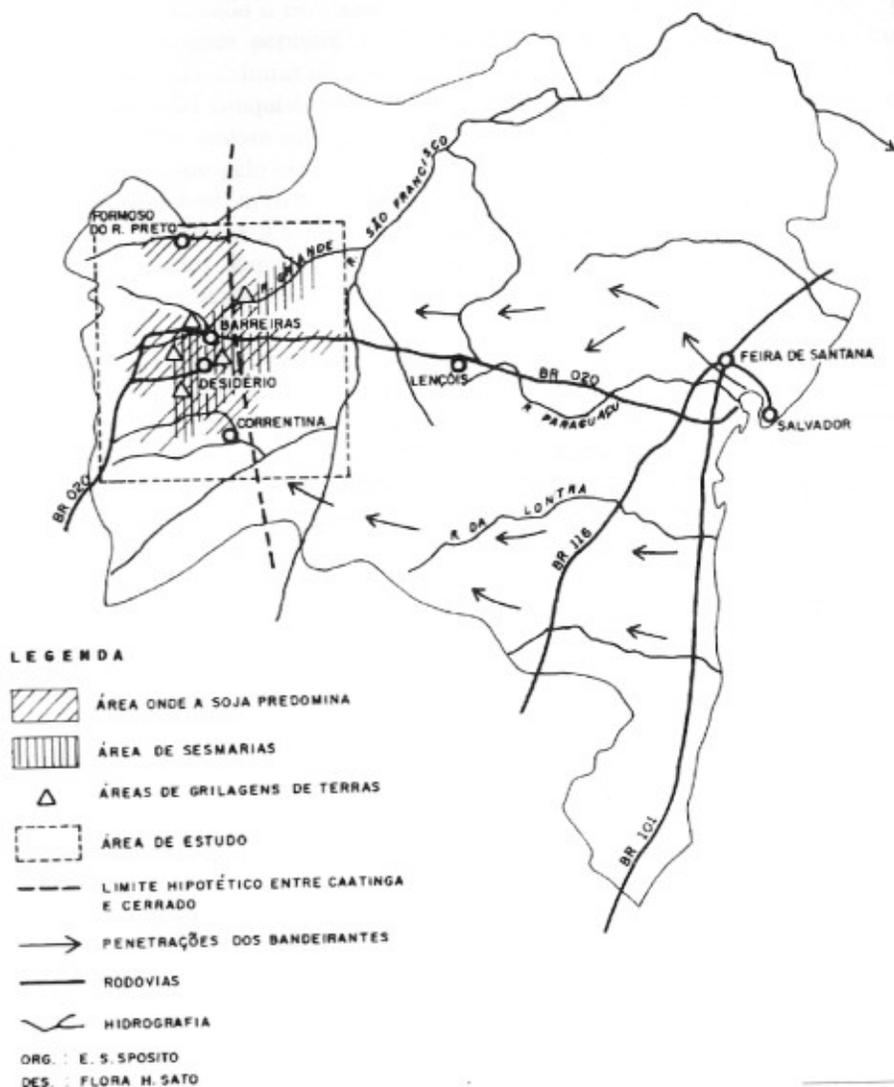
Uma vez localizada a área em estudo (como se pode observar na figura 2), passamos à consulta de alguns documentos que possibilitaram compreender como se deram as primeiras ocupações da área.

O primeiro núcleo de povoamento da área foi Campo Largo (em 1699), atualmente denominado Taguá, situado em uma área totalmente plana e que abrangeria, durante dois séculos, a administração de todo o território que ia do São Francisco até as fronteiras com Goiás. Desse primeiro núcleo, "os colonizadores pernambucanos e baianos foram se espalhando por toda a nossa região, fundando povoados que depois evoluíram, transformando-se nas atuais cidades."<sup>9</sup> Posteriormente, "aos poucos, outros povoados foram se desenvolvendo e obtendo do governo estadual a sua emancipação de Campo Largo: primeiro foi Angical, que levou junto Barreiras; em seguida Barreiras se emancipou de Angical, em 26 de maio de 1891, levando outros núcleos, como São Desidério, Catolândia e Baianópolis, que se desmembraram de Barreiras há 30 anos. Assistimos hoje, à luta de Mimoso para se destacar de Barreiras e, em São Desidério, é o Sítio Grande que pretende sua independência administrativa e política"<sup>10</sup>.

<sup>9</sup>ALMEIDA, Ignez Pitta de. *História de Barreiras em fascículos*. Barreiras: Ed. do Autor, ano 1., n. 1, 1992, p. 2. Todas as referências posteriores relativas ao histórico de Barreiras e sua região, terão como fonte os fascículos da obra acima citada.

<sup>10</sup>ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 2. Pela descrição acima, podemos observar a diferença de linguagem entre o documento citado e aquela linguagem atualmente mais próxima dos textos geográficos. Como documento, no entanto, é fundamental o conjunto de informações nele contido. Embora não seja o objetivo nestas notas, o documento pode servir de fonte para que, a partir das informações que contém, se possa elaborar um mapa de

**FIG. 2**  
**OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO NA ÁREA DE BARREIRAS**  
**( SÉC. XVII - XX )**



desmembramento municipal devidamente datado. Esta observação vem no sentido de valorizar as informações obtidas em documentos primários e de mostrar como elas podem se "metamorfosar" em outros sub-produtos de caráter científico.

As primeiras incursões dos europeus na região foram realizadas pelos bandeirantes que saíram do litoral da Bahia, principalmente de Salvador, subindo o Rio Paraguaçu, do sítio da atual cidade de Valença subindo o rio de Contas, e de Canavieiras subindo o rio Pardo. Posteriormente, a concessão de sesmarias<sup>11</sup> pelo governo português permitiu a introdução no vale médio do São Francisco da criação de gado, culturas de subsistência e até a cana de açúcar. Quando, em 1630 Pernambuco foi conquistado pelos holandeses, alguns colonizadores, subindo o rio São Francisco, tentam explorar a terra para o cultivo de culturas alimentares, o que foi inviabilizado pelo confronto com os indígenas. A presença dos holandeses na área evidencia-se, antropológicamente, "no tipo físico até hoje predominante em Aricobé, próximo a Angical: pessoas de pele clara, olhos azuis e perfil de traços finos, diferentes daqueles dos portugueses. Isso indica a vinda para cá de um número de indivíduos suficiente para marcar, até nossos dias, os caracteres da raça"<sup>12</sup>.

Em resumo, pode-se dizer que a "região" teve suas origens baseadas "em várias influências colonizadoras: os pernambucanos, primeiros donatários da Capitania do São Francisco e em seguida os holandeses, que invadiram Pernambuco. Da Bahia, foram os descendentes da Casa da Torre e os bandeirantes, que partiam do litoral, penetrando no interior seguindo o curso de diversos rios. Embora, durante alguns anos, a capitania de São Francisco tenha sido anexada a Minas Gerais, devido às dificuldades de transporte para a capital mineira, não houve aqui qualquer influência de Minas Gerais"<sup>13</sup>.

A disputa pelas terras a oeste do Rio São Francisco marcam os acontecimentos nos séculos XVIII e XIX. "Pernambuco não concorda em perder esse território de grande fertilidade e, em 1718, após várias gestões, o Capitão General de Pernambuco obtém da coroa portuguesa a anexação de todo o vale do São Francisco, tendo-se aí instalado, em 1810, a Comarca do Sertão de Pernambuco, que abrangia até Carinhanha, na fronteira com Minas Gerais. Anos

<sup>11</sup>O papel das sesmarias pode assim ser descrito: "estas eram grandes concessões, isto é, doações de terra feitas pelos governantes portugueses àqueles homens que se dispusessem a vir colonizar essas áreas, empregando seus próprios recursos, dedicando-se ao empreendimento, que se tornava, assim, do maior interesse para a corte de Lisboa, pois assegurava, para Portugal, o domínio das terras no Brasil, que vinham sendo invadidas e disputadas por franceses e holandeses. Com o progresso das sesmarias, eram sempre ampliadas pelas doações de novas terras, dando àquelas famílias o domínio sobre imensos territórios". ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 3.

<sup>12</sup>ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 3. O trecho citado mostra claramente a "presença" do autor e seu processo de raciocínio dedutivo pois as evidências para a interpretação do processo de colonização a partir da cor e dos traços antropológicos dos indivíduos, apresenta-se como a mais lógica para o caso. A partir daí, o que é o mais lógico torna-se a verdadeira explicação para a questão apresentada.

<sup>13</sup>ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 4.

depois, essa comarca é dividida em duas com o nome de Comarca do rio São Francisco e Alto Sertão do Rio de São Francisco, continuando pertencentes a Pernambuco até 1817, quando os pernambucanos organizaram uma revolução que pretendia proclamar a independência de Pernambuco do domínio português. Em represália, em 28 de maio de 1817 foram as duas províncias do São Francisco anexadas a Minas Gerais. Durou pouco, porém, o domínio mineiro, pois eram tais as dificuldades de transporte até a capital, Ouro Preto, que impossibilitavam a administração, de forma que outro decreto, de julho do mesmo ano, reincorporou toda a comarca a Pernambuco, em caráter administrativo e religioso, ficando porém, a esfera judicial sob a administração da Bahia. Após a independência do Brasil, a província de Pernambuco opôs-se ao governo prepotente de D. Pedro I com a revolta que criou a Confederação do Equador, pretendendo sua independência. Após dominar os rebeldes, o imperador, em represália, reincorporou a Minas Gerais a comarca do São Francisco, em 1824. Como persistiam as dificuldades de transporte que inviabilizavam a administração mineira, por decreto de 1827, foi a comarca do São Francisco anexada à Bahia gerando disputa com Pernambuco, pois com esse decreto, a Bahia passou a ter o governo da região, na esfera administrativa e judicial, ficando para Pernambuco apenas a esfera eclesiástica, até que, em 10 de agosto de 1853, também essa passou para a Bahia<sup>14</sup>.

Podemos ir mais além: uma área cujos limites foram mudados por várias vezes, foi criando sua identidade de tal forma que passou a reivindicar sua emancipação, já nos primeiros tempos do império. Posteriormente, em 1888 foi apresentado, por deputados da Bahia, outro projeto que também não foi aprovado. Cem anos depois, por ocasião da elaboração da última constituição brasileira, novamente compareceu a proposta de criação do Estado do São Francisco e as propostas de "Pernambuco e Minas Gerais reivindicando a anexação da região"<sup>15</sup>.

No século XIX, pelo porto de Campo Largo, "descendo o rio, exportavam-se cera de carnaúba, carne seca, cereais; eram importados medicamentos, sal, tecidos e outros produtos manufaturados, do que serve de testemunho os documentos de lojas ali existentes"<sup>16</sup>.

Através de documentos no Cartório de Registro Civil pode-se deduzir a origem do nome de Barreiras: "grande número de certidões do século passado" mostram que o seu primeiro nome foi São João das Barreiras<sup>17</sup>; e as "barreiras" seriam os afloramentos rochosos existentes no leito do Rio São Francisco, que ainda

<sup>14</sup>ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 3. Esta citação permite a verificação de duas coisas: a primeira refere-se às mudanças constantes nos limites das províncias brasileiras, motivadas principalmente pelo confronto entre as províncias e o Estado centralizador, ainda em formação e em fase de afirmação na época considerada; a segunda atesta o importante papel que a Igreja exerceu como poder de organização e até mesmo de governo sobre o território, até que sua cisão com o governo ocorra por ocasião da proclamação da república.

<sup>15</sup>ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 3.

<sup>16</sup>ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 2.

<sup>17</sup>ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 3.

existem nas proximidades do sítio onde se localiza a cidade, e que dificultavam os deslocamentos das embarcações desde a chegada dos primeiros exploradores da área.

#### *A situação da região no século XX*

Na primeira metade do século XX, a situação econômica da região foi de constante decadência: a concorrência da produção de borracha em países asiáticos e, em seguida, da borracha sintética, fez com que a produção de látex extraída da mangabeira, que teve seu auge durante a Segunda Guerra Mundial, perdesse sua importância econômica, chegando praticamente ao fim na década de 1960. Outro ramo de produção importante para a área foi a produção pecuária. A utilização das pastagens nativas era feita em dois momentos distintos: durante a época das chuvas, o gado era cuidado nas áreas de vales, próximas às propriedades; no período restante do ano, o gado era tangido para distâncias de 100 a 150 km, nas áreas planas cobertas por cerrado, que se constituíam em terras aparentemente comunais, fazendo lembrar a transumância. Como o povoamento acompanhou principalmente os cursos dos rios, era ainda nessas áreas que as pessoas se encontravam fixadas (algumas famílias já contando algo em torno de 200 anos, por exemplo), mas utilizando-se, para a sua pecuária de caráter extensivo, as áreas "do planalto" - os Gerais - que ofereciam outras condições de alimentação e para a sobrevivência do gado. Para os Gerais, o gado era conduzido anualmente durante os meses de seca, "fazendo-o atravessar a salvo o período de estiagem, de agosto a novembro e retornando às fazendas, nos vales, depois que a chuva retornava, fazendo brotar o capim"<sup>18</sup>. A produção de carne sempre foi importante como base da produção do charque, consumido pelas populações locais e exportadas para as áreas mais secas do Estado da Bahia.

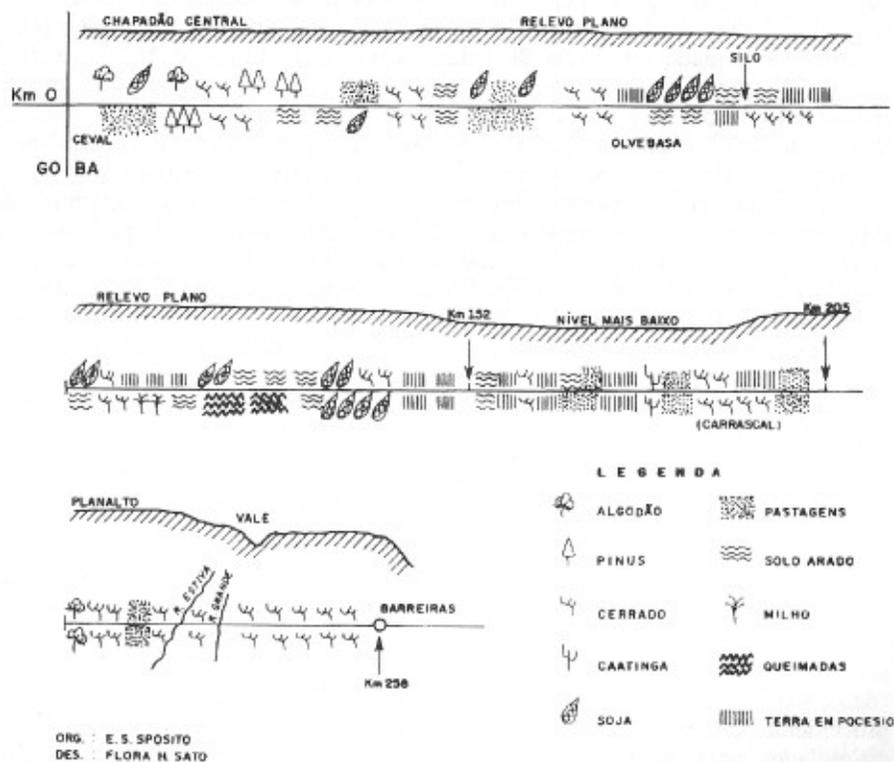
A diminuição do número de fábricas têxteis, associada à tímida política de irrigação para a produção de matérias-primas agrícolas, também são considerados fatores de decadência.

#### *A fase da soja*

Em 1979 chegaram às áreas próximas a Barreiras técnicos provenientes do sul do país para fazer experiências sobre o plantio da soja no cerrado. A "descoberta" da região foi feita inicialmente por agricultores e agrônomos provenientes do Paraná (proximidades da cidade de Marechal Cândido Rondon), estimulados para participar, em 1976, PAD-DF (Programa de Assentamento dirigido do Distrito Federal). Como nas proximidades do Distrito Federal a quantidade limitada e os altos preços das terras dificultaram a fixação dessas

<sup>18</sup>ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 6.

**FIG. 3**  
**USO DO SOLO AO LONGO DO PERCURSO**  
**(FRONTEIRA GOIÁS - BAHIA ATÉ BARREIRAS)**



pessoas, elas dirigiram-se para o oeste baiano, onde as condições geográficas (terras "amplas, planas, cortadas por rios perenes") e os preços das terras permitiram a radicação dos primeiros agricultores que, se inicialmente migraram em grupos familiares, foram acompanhados por levas de agricultores desapropriados em decorrência da construção da Usina de Itaipu. A presença desses migrantes, associada ao crédito fácil do Banco do Brasil, com juros subsidiados e longo período de carência, permitiu a fixação, já em 1979, dos primeiros "colonos" provenientes do Centro-Sul do Brasil ("trazendo na bagagem a fé, muitas máquinas e tecnologia!"<sup>19</sup>), voltados para a produção da soja.

Como as regras do Banco do Brasil não contemplavam o financiamento da agricultura da soja na área, foi necessário o trabalho técnico-político para as mudanças de regras: com dados de pluviometria e de solos da CPAC (Centro de Pesquisas Agronômicas do Cerrado) e com a criação de uma cooperativa pelos primeiros agricultores, iniciou-se a pressão de políticos baianos junto ao banco para que os financiamentos fossem concedidos. Isso resultou na liberação de dinheiro suficiente para que, em 1983, fossem plantados 2.500 hectares de soja, divididos em 80 projetos distintos.

A exploração agrícola dos solos do cerrado do oeste baiano obedece a seguinte sequência: inicialmente planta-se o arroz, facilmente adaptável à acidez do solo, para depois, com a devida correção do pH através da aplicação de calcário e a utilização de fertilizantes, plantar-se a soja. Esse processo foi acompanhado, desde o início, por experimentações feitas pela EPABA (Empresa de Pesquisas Agrícolas da Bahia), em um campo próximo a Mimoso, para a escolha das variedades e técnicas adequadas ao solo de cerrado.

A ampliação das áreas com plantio de soja e conseqüentemente o aumento da produção regional, apontam para um novo "ciclo" econômico na região, recuperando-a após um longo período de estagnação, decorrente da decadência das produções de carne e de algodão.

Esse "ciclo" é marcado pelo aumento da produção de soja, estimulado pelo crédito do Banco do Brasil, pelo aumento da presença de agricultores do sul, pela introdução da lavoura mecanizada no oeste baiano, e pela criação, em diferentes cidades da região, de várias cooperativas agrícolas, que passaram a representar a garantia não só do depósito das safras, mas também de instrumentos de pressão para a liberação de novos financiamentos. Os principais fatores de atração da área em relação aos agricultores do sul foram: o baixo preço do solo, que possibilitava a aquisição de grandes áreas, e juros subsidiados para os empréstimos, na ordem de 35% ao ano, para investimento e custeio<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> ALMEIDA, Ignez P., op. cit., p. 7. A "tecnologia" a que se refere a autora refere-se tanto aos conhecimentos práticos que muitos agricultores já possuíam para o trabalho agrícola, como ao fato de que alguns agricultores já eram agrônomos.

<sup>20</sup> Jornal Tribuna da Bahia, 1985, p. 8, s.d.

Historicamente, a produção da soja aumentou constantemente. Em 1970, em uma área de 8 hectares, produziu-se 25 toneladas; em 1980, em 1.906 hectares, a produção foi de 2.224 toneladas; em 1989 a área chegou a 385.743 hectares, com uma produção por volta de 580 mil toneladas, correspondendo a 54% a mais que em 1988.

Fazendo uma análise geral da produção de soja no cerrado do oeste baiano, um administrador de fazenda afirmou: "entre as vantagens alinham-se o desmatamento mais econômico, preço da terra mais baixo e facilidade de manejo do solo, após a abertura com a primeira lavoura". Neste item, "os preços das terras são insignificantes em relação ao custo do hectare plantado, representando no máximo 15 por cento do total do investimento. Já no rol das desvantagens estão a pobreza dos nutrientes do solo, com gastos três vezes maiores em adubo, preço mais elevado dos insumos, cotação da soja mais baixa (em outubro: saca Barreiras NCz\$ 36,00, e em Cascavel NCz\$ 54,00) e maior desgaste dos equipamentos"<sup>21</sup>.

O preço do hectare, que até o início da década de 1980 era de Cr\$ 720,00, em 1985 chegou a ser vendido ao preço de Cr\$ 600 mil<sup>22</sup>.

Em 1982 já havia aproximadamente 300 agricultores-proprietários produzindo soja na área de Barreiras, totalizando 42 mil hectares plantados. Em 1986, foram computados mais 700 produtores, ampliando a área de produção em 80 mil hectares, com uma produtividade de 1.800 kg/ha, maior que a média nacional, que se situava em torno de 1.500 kg/ha.

Para a crônica da época, é importante registrar: "parece mesmo é que os maiores beneficiados se expressam com empregos indiretos, nas atividades urbanas, pois a utilização de mão-de-obra na agricultura é mínima, tendo em vista o alto grau de mecanização da lavoura"<sup>23</sup>. Entretanto, a diversificação agrícola já se fazia sentir, com a ampliação da área para engorda de bovinos, "à base de uma cabeça por hectare", para a produção de trigo, além das técnicas de irrigação do solo do cerrado, com aproximadamente 1.300 hectares já irrigados. A irrigação torna-se importante em virtude das variações sazonais de insolação e da precipitação média, que é de 1.000 milímetros anuais de chuvas.

Em 1984, a safra da soja rendeu 40 mil toneladas, dez vezes mais que no ano anterior, correspondendo à produção de 27.627 hectares, quatro vezes mais que no ano anterior. A produtividade, que no ano anterior ficara por volta de 600 kg/ha, subiu para 1.500 kg/ha no presente ano. Para se ter uma idéia da área ocupada pela soja, observe-se a figura 3, que mostra o perfil da ocupação ao longo da rodovia que liga Barreiras, passando por São Desidério, à BR 020, que faz a ligação com Brasília.

Com o aumento da produção da soja, em 1986 a produção de grãos na Bahia subiu de 456 mil toneladas para 1,4 milhão. A participação da soja aumentou de 75 mil toneladas em 1985 para 176 mil em 1986. Grande parte dessa produção - cerca de 92 mil toneladas - foi transportada em chatas da FRANAVE (Companhia de Navegação do São Francisco), no percurso entre Ibotirama e Juazeiro, para que fossem processadas nas indústrias de Petrolina. Esse tipo de transporte, impulsionado pela soja, também tem sido utilizado para o deslocamento de outras matérias-primas, como gipsita, açúcar, sabão e aguardentes produzidos em Januária, MG.

Segundo a revista Veja, "a partir de 1985, com a irrigação do cerrado completamente testada e aprovada pelos produtores, áreas onde nunca existiu antes nenhum tipo de cultura sistemática foram transformadas em extensos campos verdes"<sup>24</sup>.

Nesse período, o crescimento do ICMS na Bahia foi de 8,92%, sendo que somente o de Barreiras foi de 18,27%, também devido ao aumento no cultivo da soja. Dos 6 a 7 bilhões de cruzeiros arrecadados por esse tipo de imposto, aproximadamente 20% ficaram no município de Barreiras<sup>25</sup>.

Em 1988, a safra de soja, considerada *recorde*, "atingiu 380 mil toneladas, mesmo não chegando a alterar o mercado imobiliário na região, onde o hectare continua custando em média CZ\$ 15 mil, tendo ainda grande extensão de área para ser ocupada"<sup>26</sup>. A terra aí ainda é relativamente barata, se comparada com os preços do sul, que alcançam de CZ\$ 200 mil a 280 mil, no norte paranaense. Considerada, mesmo assim, terra de baixa fertilidade, o que acarreta a necessidade da utilização de fertilizantes, as terras do cerrado no oeste baiano variam seu preço em virtude, principalmente, da quantidade de precipitação.

Para se ter uma rápida idéia da importância da soja na área, basta salientar que a Olivebasa, empresa produtora de óleo de soja, adquiriu, em 1992, 250.000 toneladas de soja, produzindo 50.000 toneladas de óleo e 200.000 toneladas de farelo; e que as adaptações implantadas no porto de Barreiras a partir de 1991 permitiram a sua ligação, pelo rio São Francisco, com os portos do litoral, de onde são exportados os produtos citados.

Em 1992, dos 2,4 milhões de toneladas de grão produzidas na Bahia, 54% estavam no município de Barreiras (entre algodão, milho, feijão e predominantemente soja), rendendo ao estado 205,8 milhões de dólares, dos quais somente a soja de Barreiras rendeu 77 milhões de dólares. A decomposição dessa

<sup>24</sup> Revista Veja, 1986, p. 9.

<sup>25</sup> Revista ITEM, op. cit., p. 40.

<sup>26</sup> Jornal Gazeta Mercantil, 1988, p. 17, s.d.

<sup>21</sup> Jornal A Granja, n. 500, 1985, p. 85.

<sup>22</sup> Jornal A Tarde, n. 1, 26/4/85, p. 18.

<sup>23</sup> Revista ITEM, n. 21/85, p. 40.

grande produção pode assim ser feita: 75.736 toneladas de arroz, 165.146 toneladas de feijão e 661.000 toneladas de soja<sup>27</sup>.

É importante salientar também que, se há esses indicadores da competitividade do cerrado baiano, ligados ao preço da terra, à existência de crédito e de uma infra-estrutura de estocagem, por outro lado aparecem os aspectos negativos da ocupação recente da área, demonstrado pelo assoreamento dos rios, motivado pelos desmatamentos feitos até a margem dos seus cursos, associado à poluição das águas por agrotóxicos, ao aparecimento de ravinas, mesmo em uma área de relevo com pequenas declividades, a lixiviação do solo, pela ação das águas sobre o solo completamente descoberto de qualquer tipo de vegetação, e a produção de elementos poluentes gerados pelos processos de industrialização.

Culturalmente, houve mudanças sensíveis nos hábitos dos moradores de Barreiras, que foram perdendo suas ligações com festas locais, como o carnaval, e "se acostumando" com outros hábitos, como o consumo do chimarrão e as músicas típicas do sul do Brasil, disseminados pelos CTGs (Centros de Tradição Gaúcha). A reação política à "invasão" dos gaúchos foi a resistência, através do domínio do poder municipal, por parte algumas famílias que constituem a oligarquia do lugar.

A disputa política reveste-se também de elementos econômicos, com a luta pelo domínio do solo. Quando há a "quebra" de algum agricultor (geralmente pequeno), as oligarquias locais e os proprietários migrantes buscam aumentar suas áreas de propriedades através da compra de suas terras. Assim, o domínio político, associado ao domínio econômico, mostra a formação e a consolidação das oligarquias locais, a partir de duas procedências: as famílias tradicionais do lugar (descendentes dos proprietários de sesmarias, dos criadores de gado, etc.), e as famílias de migrantes que chegaram para a exploração do solo com a soja.

#### *As mudanças na área urbana*

As transformações decorrentes do novo processo de acumulação são observadas também na área urbana. Considerada um "novo Eldorado", Barreiras teve um grande crescimento em nove anos: sua população, de 41 mil habitantes em 1980, quando havia 20 veículos registrados na cidade, subiu para 120 mil em 1995. Já em 1990 o número de veículos circulando no município chegou a mais de 5.000. A frota teve um crescimento de 30% ao mês. Se em 1981 foi vendido apenas um trator, em 1987 foram 123 e, em 1988, 370. Os aluguéis e os preços de terrenos na cidade "dispararam". O comércio tem crescido por volta de 12% ao mês. Isso acarreta um "novo filão" para investimentos em Barreiras: os setores hoteleiro e imobiliário, porque os hotéis e pousadas existentes na cidade não são suficientes para atender a demanda e a falta de moradias elevou os preços dos aluguéis a níveis

<sup>27</sup> Revista Veja, 27/5/92.

jamais imaginados. O maior investimento em hotelaria é do empresário Luiz Ricardi, que gastou, em 1989/90, US\$ 3 milhões na construção de um hotel de três estrelas com 12 andares e que tem 40 apartamentos, 14 suítes, centro de convenções e piscina".

Para se ter uma idéia de como o espaço urbano vai se transformando, basta saber que "mesmo sem infra-estrutura, Barreiras chega à modernidade pelo progresso que veio com a soja. É muito comum se erguerem prédios numa rua empoeirada e sem o mínimo planejamento urbano. O calçamento e as instalações de água e luz ficam para depois de pronta a obra"<sup>28</sup>.

Mesmo com as "regras" para a produção e venda de imóveis na cidade, em 1990 o apartamento custava cerca de NCz\$ 42 mil cada, aumentando para NCz\$ 132 mil em dez meses, subindo 2.677%. Os compradores foram todos produtores de soja ou comerciantes ligados à agricultura.

As mudanças na área urbana são acompanhadas também pela concentração da pobreza nas áreas mais periféricas, onde a ação do poder público se faz sentir na organização do território (traçado de ruas, implantação de infra-estrutura) e na manutenção dos serviços necessários (coleta de lixo, limpeza de ruas). Por outro lado, na própria área central a inexistência de asfalto, de esgotos e de água encanada suficiente dá um aspecto poeirento às casas comerciais, às praças com poucas árvores.

#### *Para finalizar*

Este texto, resultado de observações, levantamento de documentos e de entrevistas em Barreiras, chega ao fim. Como se pode notar, a intenção não foi fazer um relato - nem exaustivo, nem definitivo - do que se pôde observar na área. A proposta foi elaborar um exemplo pedagógico de como é possível realizar um trabalho de campo, em suas três etapas: elaboração do projeto, viagem de estudos e relatório. Outros grupos que fizerem o mesmo percurso poderão, com suas observações, trazer outras informações e realizar outras análises. Com isso, o conhecimento da área estará sendo elaborado cumulativamente e sempre com base no confronto das idéias.

#### **Referências bibliográficas e documentos**

- ALMEIDA, I. P. de. *História de Barreiras em fascículos*. Barreiras: Ed. Do Autor, ano 1, números 1, 2; e ano 2, números 3 e 4.
- JAPIASSU, H., MARCONDES, N. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

<sup>28</sup> Jornal Gazeta Mercantil, 1989, s.d. (xerocópia).

- JORNAL A GRANJA, n. 500, 1985.
- JORNAL A TARDE, n. 1, 26/4/85.
- JORNAL GAZETA MERCANTIL, 1988 e 1989.
- JORNAL TRIBUNA DA BAHIA, 1985.
- MORAES, W. *Jagunços e heróis*. Salvador: EGBA, 1991.
- PASSOS, M. M. dos, UGIDOS, M. A. L.. *Biogeografia da caatinga*. (inédito, cópia xerografada).
- REVISTA ITEM, n. 21, 1985.
- REVISTA VEJA, 1986 e 1992.
- SENNÁ, R. de S. *Lençóis: um estudo diagnóstico*. Feira de Santana: UEFS/Prefeitura de Lençóis, 1996.